



## MARCELO COSTA

é jornalista. Editor do  
www.screamyell.com.br.

O marketing cinematográfico brasileiro costuma cometer erros grotescos, e isso infelizmente não é novidade. Exemplos existem aos montes (principalmente no que diz respeito aos títulos dos filmes), mas o caso de “Blue Valentine” (Estados Unidos, 2010), no entanto, é peculiar. Não bastou dar ao filme um título nacional fofo (“Namorados Para Sempre”) que nada tem a ver com o drama emocional violento e espetacular da história, mas vendeu-se a película com um filme de casal perfeito para o dia dos namorados.

Porta-retratos para fixar na geladeira e corações fofos de borracha foram distribuídos na compra do ingresso aos casais que, iludidos, deviam imaginar ter pela frente um romance água com açúcar daqueles que transformam a vida real em um conto de fadas, mas nada poderia os preparar para a tempestade emocional que cerca “Blue Valentine”, segundo longa-metragem da carreira do jovem cineasta Derek Cianfrance, que divide o roteiro com Cami Delavigne e Joey Curtis. O subtítulo nacional, no entanto, é acertado: “Uma Verdadeira História de Amor”.

“Blue Valentine” narra o romance dos jovens Cindy e Dean. Os personagens, no entanto, são secundários. Eles vivem uma história de amor intensa, sorriem e choram, mas a grande estrela do filme é o relacionamento entre estas duas pessoas absolutamente normais, que escolheram viver juntas por vontade própria (com uma mãozinha do destino — sempre ele), e levaram uma rasteira de Afrodite, a decantada deusa grega do amor. O que interessa



## FILMES

# Amor por inércia

**Assim como começa, o amor também acaba. “Blue Valentine” é um filme que mostra o quão somos despreparados para o relacionamento a dois**

em “Blue Valentine” não é Cindy e/ou Dean, mas o que eles constroem e destroem juntos.

O relacionamento tal qual o conhecemos surge na maioria das vezes ao acaso. Homens e mulheres entram em uma história de amor de olhos vendados. Ele não a conhece (embora acredite que co-

nheça). Ela, a mesma coisa. Na verdade, eles mesmos não se conhecem, mas se entregam àquilo que acreditam ser amor (e talvez até seja), mas assim como começa, o amor (desculpem-me os românticos) também acaba. “Blue Valentine” é um filme que mostra o quão somos despreparados para o

relacionamento a dois.

Focado em Cindy e Dean, a grande força de “Blue Valentine” naturalmente surge das excelentes atuações de Michelle Williams e Ryan Gosling, que não estão aqui apenas como atores, mas também como produtores executivos — o que, de certa forma, explica a en-

trega dos dois atores a seus personagens, entrega tal que rendeu aos dois indicações na categoria de melhor ator e atriz no Globo de Ouro, e para Michelle no Oscar (ela merecia ficar com a estatueta que foi parar nas mãos de Natalie Portman, por “Cisne Negro”).

“Blue Valentine” começa com certa leveza: a filha do casal acorda o pai para dizer que a cachorrinha da família desapareceu. Derek Cianfrance vai incluindo delicadamente os elementos da história como se estivesse esculpindo uma pérola. Tudo acontece no momento certo. Nada é gratuito. O roteiro não glamouriza o romance. A trilha sonora do grupo Grizzly Bear é delicada e eficiente. A montagem simples e exemplar intercala começo e fim. Cenas do romance se esfalando são exibidas lado a lado com os sorrisos de um início de relacionamento propondo a questão: como aquela felicidade se transformou nessa dor? Você deve saber.

Então voltamos à questão inicial sobre o marketing brasileiro em torno do filme: ao vender “Blue Valentine” como um conto de fadas, a produtora comentou um grande erro que no fim das contas deu certo. Pois quem realmente precisa(va) ver esse filme são os casais felizes do dia dos namorados que nunca pararam para pensar nos dois lados de uma história de amor. Nunca pararam para pensar a própria história. Amam por inércia. Porém, a inércia uma hora acaba e o amor também. Não precisa nem ver o filme para saber isso (mas vá!): basta prestar atenção ao seu redor. Não que seja impossível ser feliz, mas é bom saber ser feliz de verdade. Ou alguém aqui (além de Kate Middleton) acredita em conto de fadas?

Marcelo Costa é jornalista. Editor do www.screamyell.com.br.

## LIVROS

# Uma análise sobre a loucura que mora em todos nós

*Em "Os Olhos de Laura", o psicanalista Juan-David Nasio busca explicar por que pessoas mentalmente saudáveis têm seus instantes de loucura*

**ALEX SENS FUZIY**

Especial para o Jornal Opção

Uma criança segura uma pomba numa das mãos. Seus olhos são grandes e tristes, olham para quem os encara fora do quadro onde sua existência artística se encerra. O quadro fica em frente à cama da irmã de Laura e a criança a observa noite e dia com seu olhar sombrio. A empregada usa a criança para fazer com que as irmãs a obedeçam; do contrário, a criança tomará seu lugar. E o que acontece com a irmã de Laura? Comete suicídio, embora já crescida, depois de viver muitos anos sob a mira da criança angustiada, presa no quadro.

Esse breve relato, digno de um curioso drama psicológico, poderia ser retratado no cinema ou na literatura, afinal Laura é um nome sonora e portentosamente literário; a irmã suicida não é nomeada, mas é causa e efeito de um sofrimento e de uma saudade carregados por alguns anos; e o quadro, simples objeto colocado num quarto durante uma infância, torna-se personagem ausente, porém doloroso, um símbolo incubado no inconsciente, tão terrível por seu rasgar atônico, tranquilo, demorado, que acaba destruindo o sujeito afetado por sua insidiosa incubação.

Em "Os Olhos de Laura - Somos Todos Loucos em Alguém Recanto de Nossas Vidas" (Zahar, 168 páginas, tradução de Claudia Berliner), o psicanalista e psiquiatra francês J.-D. Nasio usou o caso de Laura e sua irmã para mergulhar na questão das defesas psíquicas contra fatos penosos. Após uma sessão com Laura, onde não pôde prever a desolação da paciente, Nasio viu mais do que uma mulher simplesmente em prantos, ele viu a emoção destacada em seus olhos, viu "olhos chorarem". Na sessão seguinte, os olhos de Laura se transformam nos olhos da irmã, também triste com a imagem do quadro que ambas viam durante a infância,

impregnados em suas mentes. A história do quadro acende no analista o conceito de "foraclusão local", sobre o qual o livro se alicerça.

Fundamentado por Freud e Lacan, Nasio antes prefacia sobre a pergunta "o que é estar louco?", imprescindível para dar seguimento aos conceitos então explorados no restante das páginas e explicar por que o subtítulo do livro estende a psicose a todas as pessoas, ainda que de forma passageira. Estar louco "é ter a certeza cega da verdade do que se pensa e do que se faz [...], é ir obstinadamente atrás da nossa ideia fixa e falsa que se repete, toma conta de nós e nos impele a agir. Estar louco é não ouvir mais nada além do que se quer ouvir". Nasio explica que a loucura ou psicose é essa ruptura com a realidade: "A mente cega curva a realidade à sua ideia, ao invés de submeter sua ideia à realidade". Muitas vezes essa ruptura é passageira, o que ele chama de "loucura efêmera", lembrando que todos conhecemos pessoas — incluindo nós mesmos — que apesar de coerentes, se mostraram em algum momento transtornadas, cometendo atos desproporcionais, "movidas pela certeza de estarem com a verdade". Para concluir a razão pela qual o autor afirma que mesmo equilibrada, uma pessoa esconde "uma fantasia virulenta prestes a explodir num acesso de loucura, como um microdelírio circunscrito e ocasional", ele explica sua ideia de "sujeito folhado", ou seja, cada um de nós é uma "pluralidade de pessoas psíquicas", com uma multiplicidade de camadas extremas coexistindo, sadias e doentes. Somos "vários", portanto temos fantasias venenosas.

Com a loucura postulada, surge a pergunta: que mecanismo faz o sujeito, tanto sadio como doente, se desligar da realidade? No prisma psicanalítico, a psicose é uma resposta tardia a um trauma infantil, sua origem não é propriamente o trauma, mas a defesa do eu contra esse trauma, o que Freud qualificou como "psicose de defesa", para que ficasse claro que a causa da psicose é a defesa". Essa defesa ruim foi denominada de foraclusão, um termo proveniente do vocabulário jurídico, e proposta



O psicanalista Juan-David Nasio, autor de "Os Olhos de Laura — Somos Todos Loucos em Alguém Recanto de Nossas Vidas"

## OS OLHOS DE LAURA

Autor	J.D. Nasio
Preço	R\$ 40,00 Zahar

por Lacan para "nomear uma grave falha psíquica na resposta do eu ao impacto violento de um trauma infantil". Nasio ainda exemplifica o significado de foraclusão comparando-o com o recalamento, outro tipo de defesa: "Recalar um fato angustiante significa esquecê-lo. [...] A foraclusão é uma anestesia das sensações e, portanto, da consciência do que é percebido. Percebo o acontecimento perturbador, mas não sinto nada nem reconheço a violência que ele significa. Percebo sem saber o que percebo". Concluindo: a foraclusão é a abolição do processo de recalamento. A partir desse conceito, Nasio cria outro, o da foraclusão local: local porque o trauma e a foraclusão que o ignora afetam uma das folhas do eu, do sujeito folhado. Entre a multidão de eus psíquicos habi-



tando um sujeito, algum ou alguns deles são influenciados pelas pulsões e desligados da realidade, e a isso se dá o nome de "clivagem do eu".

Quando o sujeito deixa de imprimir a representação de um objeto no psiquismo, ainda que perceba este objeto, ele está foracluindo. Anestesiado das sensações de uma realidade que lhe

é intolerável, abre-se um buraco mental, do qual brotará uma psicose, incubada por anos, seja ela na forma de um delírio, ou microdelírio, alucinação ou despersonalização. E por que acontece essa ruptura? De acordo com o psicanalista, ela é a expressão clínica de um eu desesperado por colmatar, por tapar esse buraco aberto pela brutalidade da recusa foraclusiva. "A representação rejeitada retorna ao eu, transformada em percepção alucinada", diz a fórmula freudiana da foraclusão, e ainda mais simplificada vem a tradicional fórmula lacaniana: "o que é rejeitado do símbolo reaparece no real".

Além desses conceitos, e justamente porque é preciso explicá-los segundo uma lógica de elos que formam a corrente psicanalítica, o autor ainda explora a transferência simbólica entre analista e analisando; o inconsciente como "realidade virtual cuja faculdade é produzir efeitos reais em nossa vida", percebido mediante nossa consciência; a localidade e o mecanismo da foraclusão, incluindo sua forma voluntária por parte do analista; o significado mais próximo de "gozo", quando e como um paciente goza durante uma análise e como isso interfere num diagnóstico.

É por meio de alguns poucos exemplos e ideias repetidas sob vários ângulos, que Nasio constrói sua teoria e consegue nos fazer penetrar nos olhos de Laura, no motivo de sua tristeza, no labirinto emocional que forma boa parte de nossas estruturas. Como um mil-folhas com suas camadas, ou como um muro com seus tijolos, nosso eu é composto por vários eus, e entre eles existe o psicótico — só lançado acima das camadas sadias quando potencializado. "Toda pessoa normal na verdade é apenas medianamente normal, seu eu se aproxima do eu do psicótico em maior ou menor medida", escreveu Freud. E você, ainda se acha normal?

Alex Sens Fuziy é escritor e crítico.



RECORTES

Eberth Vêncio é médico e escritor.

# A intolerável falta de leveza do ser

Não estou num bom dia, portanto, não me amolem com suas críticas irrisórias. Parodiei, sim, o título do livro do escritor tcheco Milan Kundera, “A Insustentável Leveza do Ser”, de 1984. O mau humor debruçou seu braço soturno sobre os meus ombros, de tal forma que desde as primeiras horas estamos caminhando pelos jardins da impaciência, magoando os ingênuos que nos dirigem a palavra, odiando silenciosamente todos os “algozes particulares”, desde o flanelinha que extorque em logradouro público, até o auditor fiscal que me envia uma intimação para comparecer à receita no prazo máximo de vinte dias, a fim de “comprovar os gastos dedutíveis declarados em 2007”. Que saco!

Já perdi a paciência com os debates maçantes acerca da homofobia, do casamento ou não entre pessoas do mesmo sexo, da parada gay, das manifestações anti-gay, dos chilikos dos homens efeminados, da arrogância das mulheres masculinizadas (Hei, irmã! Não somos concorrentes! Pegue sua garota e vá embora), da verborragia arcaica pseudo-religiosa do deputado racista, do levante hipócrita da igreja católica, das caretas condenatórias que o Papa faz, das ameaças e conchavos inconfessáveis da bancada evangélica, do fingimento da famí-

lia brasileira que “é a favor do homossexualismo” até que um dos seus filhos apareça de mãos dadas com outro homem, da truculência repulsiva das gangues homofóbicas, da incoerência de um juiz de direito que interpreta a lei de acordo com a sua credence religiosa. Enfim, toda esta celeuma a respeito da homossexualidade já encheu o saco. Nada mais é que marmita requeimada. Em breve, a pauta mudará para a legalização do aborto, a descriminalização do uso da maconha, a implantação da pena de morte no Brasil, a Copa América, Robinho, Ganso, Pato e outros bichinhos idolatráveis. Haja paciência...

Sabe aqueles dias em que você acorda e parece que o mundo inteiro está conspirando? Pois é. Logo cedo, brochei. Nunca, jamais faça sexo mal humorado. Fui tomar banho, o aquecedor estava pifado (era tanto frio que eu ganhei mais duas amídalas na garganta: os testículos, os meus testículos). O motor do carro a álcool só funcionou depois que o nevoeiro sumiu e o sol espetou a manhã com seus raios dourados (um pouco de poesia para quebrar tanta dureza...).

Perdi mais duas horas no trânsi-

to da cidade. Como é que os paulistanos suportam ficar quatro ou cinco horas presos ao volante naqueles congestionamentos medonhos? O ser humano é maleável, adapta-se bem ao meio, acostuma-se com tudo, até com calo, caos, tortura e miséria. Eita, vidinha mais ou menos...

Perdi mais de duas inspirações interessantes para escrever um bom texto literário. À noite, compareci ao lançamento de outro livro de poesia ruim e ainda tive que comprá-lo. Nenhuma autoridade me convidou para o Projeto Literário da Secretaria Municipal de Cultura que lançará nada mais nada menos que 175 “obras” (favor, não confundir com fezes) em 2011. Queria ao menos sentir o gostinho de dizer “não, obrigado” e ajudar o Green Peace a preservar florestas.

Assisti pela TV aos policiais gregos dando bordoadas no lombo dos manifestantes, ao mesmo tempo em que se defendiam dos objetos atirados, atrás dos escudos. As imagens de enfrentamento primitivo são sempre chocantes. Fiquei pensando, desconsolado: como é que o sujeito vai se explicar ao descobrir que ele deu com o cassetete na cabeça do filho do seu vizinho

de rua? Coincidências acontecem, gracinhas. Já pensaram: um policial, no exercício cego da profissão, matar um amigo com balas de borracha? Ah, meu chapa... é o tipo de deslize que não dá pra apagar... Função ingrata maltratar o povo por ordens expressas de um comandante.

Enquanto o mundo planeja retroceder no uso da energia nuclear por questões de segurança e sustentabilidade, o Governo manda avisar que talvez envie mais um bocado lixo radioativo de Angra para Abadia de Goiás, onde estão sepultados os rejeitos do Césio 137. A população, sentindo-se também meio rejeitada, já está chiando. Algumas autoridades fazem coro com o povão. Resta saber se a “goianidade” dos políticos locais resistirá ao poder convincente do vil metal, na forma de “incentivos financeiros oficiais para o Estado”. Alguém de vocês duvida que o dinheiro rivaliza com Deus mais do que o próprio capeta?

Nunca ganhei prêmios em rifas, sorteios, bingos e similares. Na hora do “par ou ímpar”, eu sempre perco (os colegas de futebol que o digam). Teimoso, cismei de preencher um cupom de “Pesquisa de

Satisfação” num restaurante onde jantei há pouco, o qual fazia uma parceria de marketing com um famoso “resort”. O cliente que escrevesse a frase mais criativa seria agraciado com três dias de hospedagem gratuita no hotel.

Na capa do cupom havia a foto publicitária de uma família brincando na praia. Reconheci a criança menor, à direita, morta em acidente automobilístico aos três anos de idade. É claro, o consumidor nada sabe a respeito, sequer imagina. É apenas uma foto com gente feliz e bonita. Pensei em contatar o responsável pela campanha publicitária, avisá-lo que aquele menino sorridente do ensaio fotográfico já não brinca mais de fazer castelos na areia. Talvez fosse melhor... Ah... Deixa pra lá. Isto não mudaria nada. Traz a conta, garçom.

Em princípio, pensei em colocar o seguinte título nesta crônica: “Pergunte ao pó, mas pergunte também a sua mãe”. Mas achei que soaria muito agressivo, tal e qual eu me sinto hoje. Então, deixemos como está. Já é quase meia-noite. Se eu vencer a insônia, espero sonhar com coisas apazíveis, como tomar banho de rio, cochilar em colo de mãe, coisas assim. E despertar mais leve para um novo dia. Um dia mais suave e tolerável, com pessoas mais amáveis e tolerantes.



WEB STUFF

Carlos Willian Leite | carloswillian@uol.com.br | @revistabula

## As 100 maiores canções de jazz da história (com vídeo e áudio incorporados)

Os sites Jazz24 e NPR Música fizeram uma enquete mundial para eleger as 100 melhores canções de jazz em todos os tempos. 1500 canções foram citadas por cerca de 10 mil participantes. No topo da lista aparece “Take Five”, composição escrita por Paul Desmond e apresentada pelo The Dave Brubeck Quartet, no álbum “Time Out”, de 1959. “Take Five” foi o primeiro single de jazz da história a vender 1 milhão de cópias. O segundo lugar da lista ficou com “So What”, de Miles Davis, gravada no álbum “Kind of Blue”, também de 1959. Em terceiro lugar aparece “Take The a Train”, composta por Billy Strayhorn e gravada por Duke Ellington, no álbum “Uptown”, de 1952. John Coltrane é o músico que aparece mais vezes, com oito canções. A lista traz ainda uma galeria de lendas como Dizzy Gillespie, Louis Armstrong, Chet Baker, Ella Fitzgerald, Stan Getz, Benny Goodman, Oliver Nelson, Herbie Hancock, Coleman Hawkins, Bill Evans, Ahmad Jamal, Glenn Miller, Ray Charles, Charlie Parker, Errol Garner, Billie Holiday, Thelonious Monk e Nina Simone. Para acessar os vídeos: <http://bit.ly/ISDqTi> Para acessar o áudio: <http://tny.gs/lm3vil> Para acessar apenas o resultado: <http://bit.ly/hqIB76>



LINKS DA SEMANA NO TWITTER

► A última fotografia de John Lenonn, em dezembro 1980, dando autógrafa a Mark Chapman, seu futuro assassino: <http://bit.ly/r10opY>

► O vídeo mais bonito do mês: <http://bit.ly/m1GuYi>

► As 100 melhores músicas de verão de todos os tempos (com vídeos incorporados): <http://bit.ly/irMhFW>

► 20 grandes fotos da “National Geographic”: <http://bit.ly/kBnCrO>

► Selecione e reserve hotéis em qualquer (ou quase) cidade do mundo: <http://www.booking.com/>

## YouTube lança canal para cinema brasileiro

O YouTube, site de vídeos da Google, lançou na quinta-feira, 5, um canal exclusivo dedicado ao cinema brasileiro. Inspirado em canais internacionais como Project Direct e Screening Room, o YouTube/Cinema fará a cobertura dos principais festivais, curtas, longas e lançamentos do cinema nacional. “O YouTube é uma plataforma perfeita para o cinema, pois permite que qualquer filme, de qualquer produtor ou distribuidor, alcance um grande público com escala mundial”, afirmou Federico Goldenberg, gerente de Parcerias do Google Brasil. Para acessar: <http://www.youtube.com/cinema>



## O álbum de fotos de Linda McCartney

O site Everyday i Show, especializado em fotografias icônicas, publicou na última semana uma galeria de imagens pessoais da fotógrafa e musicista americana Linda McCartney. Ex-editora da “Rolling Stone Magazine”, Linda McCartney imortalizou seu trabalho fotografando ícones do rock como The Who, Jimi Hendrix, The Doors, Janis Joplin, Bob Dylan e Beatles. Tornou-se mundialmente famosa ao casar-se com Paul McCartney em 1969. As fotografias, feitas entre 1967 e 1993, revelam, sobretudo, a intimidade do quarteto de Liverpool. Para acessar: <http://bit.ly/kWca8N>

ENTREVISTA | MARCELA BORELA

# A dama do Cine Cultura

*Formada em jornalismo, mestre em História, Marcela Borela é o principal nome do novo cinema goiano*

ADEMIR LUIZ

Especial para o Jornal Opção

**C**entro da cidade, um cinema, uma loira. Talvez alguém se lembre do pequeno clássico noir nacional “Dama do Cine Shanghai”, que Guilherme de Almeida Prado lançou em 1987, protagonizado por Maitê Proença, mas falamos da cineasta Marcela Borela, diretora dos curtas “Poupe-me dos Detalhes Sórdidos”, “Boca no Lixo” e do longa-metragem “Mudernage”. Formada em jornalismo, com mestrado em História, Marcela Borela assumiu recentemente a direção do Cine Cultura, um dos mais tradicionais espaços para o debate cultural no estado de Goiás. Nessa entrevista, a documentarista fala de sua trajetória acadêmica e artística, além de esboçar seu ponto de vista acerca da função do gestor cultural. Sem poupar detalhes sórdidos.

**Você se formou em jornalismo defendendo uma monografia sobre o diretor italiano Michelangelo Antonioni. Fez em seguida especialização e mestrado em História, realizando pesquisas sobre artes plásticas que acabaram sendo fundamentais para a realização de seu principal filme: o documentário “Mudernage” (2010). Como articular essa relação entre comunicação social, artes plásticas, história e cinema em sua trajetória acadêmica e artística?**

Eu encontrei o cinema dentro da faculdade de jornalismo. Eu nunca fui cinéfila. Hoje assisto muitos filmes, por causa do ofício e de meus interesses, mas não me considero cinéfila. Acho que me interessei por filmes diante da vontade de fazer filmes e de entrar em contato com coisas que poderiam me livrar de uma redação de jornal ou do mundo da televisão. Antes de entrar na UFG eu era bailarina. Fui professora de dança dos 16 aos 21 anos. Só havia dança, obviamente música e um pouco de poesia nas minhas preocupações criativas. Sempre gostei de literatura e história. O jornalismo só apareceu porque fazer história ou letras era uma coisa que meus pais, no auge de suas ideologias neo pentecostais não poderiam aceitar. Eu sou uma pessoa de ação, desde a época da dança, eu coreografava, montava os espetáculos, dirigia, criava. Quando apareceu o cinema, foi uma convergência mágica. Nele eu pude concentrar tudo que me interessava: análise crítica, estética e política, expressão e corpo. A experiência cinematográfica, ali, sobretudo, a moderna, me explicava o século XX, me encantava. Primeiro foi o neo-realismo cinematográfico italiano e depois Michelangelo Antonioni, que se tornou meu objeto de desejo, estudo e contemplação. A “Trilogia da Incomunicabilidade”, do Antonioni, fez com que eu me interessasse pela literatura existencialista de Sartre. Enquanto eu estudava Antonioni trabalhei em vários curtas. Roteirizei e dirigi o “Poupe-me dos Detalhes Sórdidos”, que é um curta muito experimental, muito doido e mal feito em alguns momentos. Fiz o “Boca no Lixo”, meu primeiro documentário. Nessa mesma época, entre 2005 e 2007 eu comecei a me aproximar da história da arte moderna em Goiás, porque eu conheci uma pesquisadora da FAV chamada Edna Goya que estava pesquisando o processo criativo do D.J. Oliveira e tinha estudado a história da gravura em Goiás. Fui garimpando, observando e pensando: isso dá um filme, o filme que eu quero fazer sobre Goiás. Fui fazer Especialização em História Cultural, para aprender a pesquisar historicamente. Na especialização conheci o Luiz Sérgio, meu orientador, que é um cara de teoria da história, de filosofia da história, mas também voltado para o estudo do campo das visualidades. O



Fotos: Iohannah Hardy



Sérgio mudou a minha vida. Me convenceu que aquela “garimpação” que eu estava fazendo era trabalho de historiadora, me convenceu a fazer um mestrado com ele. Eu queria fazer mestrado, mas era em cinema, lá na Unicamp, queria estudar documentário. Deixei isso de lado e me embrenhei pelos estudos de fronteira e identidade. Fui virar historiadora pra fazer o filme. Fiz o “Mudernage” durante o mestrado. O filme ficou pronto antes da dissertação que foi defendida em dezembro de 2010.

**Martin Scorsese costuma dizer que se tornou cineasta devido à admiração que sente pelos filmes que assistiu na infância e juventude. Stanley Kubrick, pelo contrário, afirmou que entrou para o ramo porque tinha certeza que podia fazer filmes melhores do que os que assistia. E você? Qual sua motivação para dedicar-se ao cinema?**

Eu não sei porque faço cinema, não sei exatamente. Ao fazer o “Mudernage” e escolher olhar para o passado eu pensava que o lance entre mim e o cinema era o medo do desaparecimento das coisas. Eu não faço cinema por cinefilia. Eu faço por poesia. Eu só acredito em duas coisas na minha vida: cinema e psicanálise. Quero me esfregar nas feridas do Goiás-Texas (conceito da artista plástica Fabíola Moraes do qual me aproprio desde que conheci). Estou por aqui. É este pedaço aqui que me interessa.

**Atualmente, você é conhecida como documentarista, mas um de seus primeiros trabalhos foi um curta-metragem de ficção: “Poupe-me dos Detalhes Sórdidos” (2005), Prêmio de Melhor Vídeo Universitário no II Fest Cine Goiânia. Como foi essa experiência de “contar uma história”? A narrativa documental carrega algum paralelo com a ficção? Pretende retornar ao cinema de ficção?**

Eu não acredito numa plena oposição entre documentário e ficção. Não dá pra essencializar as formas como gêneros ou coisas fixas. Isso é besteira. Veja Andrea Tonacci e Jorge Bodanzky. Os maiores documentaristas da fronteira brasileira faziam ficção quando a gente achava que era documentário. Essa é uma discussão meio hilária. Eu procuro não me ver no meio disso. Mas há diferenças mesmo entre os campos. São tradições distintas da história do cinema. O documentário tem mesmo as suas especificidades, mas todo mundo sabe que ele não nos deixa nem mais nem menos perto da realidade. A retórica em torno dele sempre o constrói como não-ficção pra justificar um lugar na indústria. Mas não é bem assim. O lance é fabular de todo jeito. Tudo é invenção. Fazer documentário me faz estirar meus limites, minhas humanidades e animosidades. A poética é a dureza do mundo no documentário. Eu gosto é disso.

**“Mudernage” é um filme, também, sobre arte. É perceptível que em alguns momentos você traça paralelos explícitos entre o tema e a proposta estética do documentário. As gotas de tinta que caem na tela não são acidentais. Como foi feita a escolha da paleta de cores? A fotografia? Em algum momento buscou inspiração em cineastas que compõem a imagem cinematográfica como se fossem pinturas, como Peter Greenaway ou Tarkovsky?**

Sim, é um filme sobre arte, sobre artistas, sobre camadas e camadas de memória estética e afetiva que fazem as coisas ser como são. Tinha que ser também um filme de arte, tinha que transitar pela videoarte em momentos específicos também. É um filme que tenta construir um conceito pra explicar um olhar sobre o passado, a Mudernage, que não significa nada mais que a presença de valores tradi-

Fotos: Iohannah Hardy



cionais no que se entende por modernidade na fronteira brasileira. Eu precisava transformar a história da arte moderna em Goiás vista sob a ótica contemporânea, em valor visual e sonoro. Tarkovsky foi determinante, sim. Eu acabara de ler “Esculpir o Tempo”, o livro de memórias dele, além do que “Andrei Rublev” foi desde sempre uma enorme inspiração. Confesso que o Greenaway deve ter entrado no raciocínio, mas não conscientemente como foi Tarkovsky. Do ponto de vista de uma paleta, era difícil trabalhar, porque as obras de arte e as ações dos artistas passavam por todo tipo de cor. A diretora de arte de finalização, Letycia Rossi, teve bastante trabalho na hora de equalizar essa paleta, que era pautada nas cores primárias vermelho, verde e amarelo. Eram as cores puras e tudo mais que poderia advir delas que nos guiavam o olhar.

**Acho o título de “Mudernage” brilhante, de grande percepção. Ele foi retirado de um trecho da letra da canção “O Violeiro”, de Elomar, que inclusive está presente na trilha sonora. Quando foi que percebeu que estava ali, como diz Umberto Eco, a chave interpretativa de seu filme?**

Sim. Esse conceito era tudo que eu tinha. Tinha isso e a minha pesquisa. Até duas semanas antes de começar a filmar eu não tinha o filme na cabeça. Minhas conversas com meu diretor de fotografia, Pedro Guimarães, foram fundamentais. Ele me ajudou a ver o filme que estávamos fazendo. Dizem que no documentário o diretor de fotografia é aquele que pode olhar melhor que o diretor. Acho que o Pedro fez isso por mim e pelo filme. Ele ofereceu seu olhar sobre o meu. Veio pra jogar o jogo, o que faz muita diferença no documentário, já que o comportamento da câmera diante do que está diante dela é que escreve tudo. Não é como na ficção que o diretor de fotografia fica controlando e desenhando a luz tão somente. Justiça seja feita, eu e Pedro criamos praticamente juntos aqueles planos do começo: boiada, terreiro, galinha, entulho. Sua trajetória como antropólogo visual e o trabalho que desenvolveu em Belo Horizonte com pessoas ligadas a videoarte, trouxe beleza ao filme. Mudando de assunto um pouco, a música de Elomar me custou caro, mas valeu a pena. Eu tinha que fazer jus a minha inspiração para o nome do filme, que era a própria música. A existência da música do Elomar — trovadoresca, tradicional, mais que isso, anti-moderna — relacionada a descoberta que fiz de uma gravação das canções do compositor barroco pirenopolino Tônico do Padre, feita nos anos 1970, e outras garimpagens: algumas coisas do cancionista caipira, uma gravação do Luiz Curado tocando sanfona com o filho no violino e outra do maestro alemão Jean Douliez com uma orquestra em Goiânia, formaram a trilha sonora do filme. Declaradamente, um contraponto do arcaico ao moderno.

**Toda a primeira parte de “Mudernage” é centrada na construção da história dos pioneiros da arte moderna em Goiás. Mostra em seguida que os artistas da segunda geração de modernos minimizam sua influência por eles. Os artistas contemporâneos negam-nos totalmente, chegam a se colocar em confronto com sua herança estética. Como pensar essa “Mudernage” a partir do signo da negação?**

Permita-me uma correção. No filme, eu tento mostrar que uma segunda geração de artistas (representada por Roos e Siron — que é a primeira geração formada em Goiás pela proximidade com os pioneiros da arte moderna) está entre a cruz e a espada: anos 1960, alta modernidade, momento de grande transgressão estética e política da arte brasileira. A cruz seria tudo que eles estavam aprendendo com Oliveira, Frei, Cléber, Ritter, Curado em Goiânia: as sofisticadas técnicas modernistas como a pintura que tem como prioridade o desenho, a gravura, a escultura, o muralismo. A descoberta da paisagem humana e natural do sertão, eles aprendiam como temática. A espada seria a pressão iconoclasta da arte brasileira de Lygia Clark, Lygia Pape e Oiticica, por exemplo. No filme, Roos e Siron estão contando a mesma história, mas a partir de posturas muito diferentes. Roos percebe o fim do modernismo, mas fecha com ele, Siron não. Siron rompeu com os mestres, mesmo tendo sido formado por eles. A despeito

de Siron, toda a geração de Roos permanece modernista e vive nos anos 1980 o boom da pintura, com o mercado de arte aquecido. Goiás se ensimesmou. “Ficou só aqui”, como diz a Eliane Miklos, no filme. Eu adoro esses artistas modernistas, mas é preciso analisar, certo? Fora Siron, da segunda geração, só com a terceira geração é que a ruptura vai acontecer. Essa negação ao modernismo que você se refere vem do que poderíamos identificar como uma geração que aparece na virada dos 1980 para os 1990: Paulo Veiga, Divino Sobral, Marcelo Solá, Pitágoras e Juliano de Moraes. Acho que a negação se dá em função de uma necessidade de atualização das linguagens e de quebra com a lógica do mercado de arte provinciano que determinava que os artistas deveriam fazer nos anos 1980.

**É relativamente comum cineastas tornarem-se professores. Martin Scorsese, Wim Wenders e Godard são casos exemplares. Você atua como professora universitária na área de produção audiovisual. Como tem sido essa experiência?**

Bom saber que eles foram professores, eu não sabia. Sabia só que Godard dava uns cursos livres de vez em quando. Curiosíssimas essas analogias com os super cineastas. De minha parte o que acontece é que eu me divirto com muitas coisas na vida e não acho saudável fazer cinema o tempo todo. Um set de filmagem não é uma coisa que dá pra viver direto. Fazer um filme é quase suspender um pouco a vida. Para mim, dar aulas faz parte da diversidade de experiências que se pode ter a partir da relação com as imagens e os sons. Mais que isso, se a pesquisa - acadêmica ou não — é uma realidade pra mim, uma realidade tão insuportável quanto o cinema, dar aulas então não me parece uma coisa distante da minha condição de pensamento. Lecionar é um exercício psicanalítico pesado e transformador.

**Você assumiu recentemente a direção do Cine Cultura, órgão ligado ao Governo do Estado. Qual seu plano de atuação? Pretende agir mais como curadora ou focar na divulgação do cinema artístico junto ao grande público, tentando formar plateias?**

Eu fui surpreendida no início deste ano com este convite para dirigir o Cine Cultura, um cinema público que eu conheço bem não só porque lá lancei todos os meus filmes e produzi com amigos o Desbitola — Círculo de Debates do Cinema em Goiás, mas também por acompanhar o trabalho do Antônio Segatti e do Eudaldo Guimarães. Sou uma pessoa de ação e reflexão, o que significa que eu pretendo não só curar o Cine Cultura, mas principalmente produzi-lo. E isso no campo público significa defender politicamente o cinema, lutar para que ele tenha atenção de gestão tanto para uma manutenção e um funcionamento pleno e digno, como também para que possa viver um processo de ampliação de sua atuação social. O perfil do Cine Cultura, sua curadoria fixa estabelecida há décadas não será alterada, ou seja, o cinema de arte será sempre o carro chefe da nossa programação. Por quê? Porque os filmes que você assiste no Cine Cultura você só assiste no Cine Cultura. Porque os cinemas comerciais não contemplam a diversidade cinematográfica. Tenho ideias para mostras mais populares para atrair o público. Penso que a conquista do público é uma coisa constante e que depende de estratégias de comunicação independentes do tipo de cinema que você está lidando. Há públicos cuja sensibilidade apenas precisa ser despertada. Apesar de todos os planos é preciso dizer que eu estou pegando o cinema numa situação bem difícil e, no momento, meu objetivo é operacionalizar a reabertura do cinema com uma pequenina reforma que será suficiente para garantir exposições digitais e o decisivo fim do mofo da sala. Preciso de equipe, preciso de estrutura, ideias não faltam. Se tudo der certo, o Cine Cultura se transformará no mais charmoso cinema da cidade, um pocket cinema para se ver e viver filmes inesquecíveis. Podem aguardar boas mostras especiais, muitos debates, encontros cinematográficos, além do alto padrão de filmes em cartaz com exibição digital e em película.

**Ademir Luiz** é escritor e historiador.

**HORÁCIO QUIROGA**

Tradução: Jádson Barros Neves

O homem pisou algo brando e mole e, em seguida, sentiu a picada no pé. Saltou para frente, e ao se voltar com um palavrão, viu a jararacuçu que se recolhia sobre si mesma; preparava outro ataque.

O homem lançou uma rápida olhada a seu pé, de onde duas gotinhas de sangue engrossavam dificultosamente, e então sacou o facão da cintura. A víbora viu a ameaça, e fundiu mais a cabeça no centro mesmo de sua espiral; porém o facão caiu sobre ela, deslocando-lhe as vértebras.

O homem abaixou-se para olhar a mordida, limpou as gotinhas de sangue, e durante algum tempo contemplou. Uma dor aguda nascia dos dois pontinhos violeta, e começava a expandir-se por todo o pé. Apressadamente, amarrou o tornozelo com o lenço que trazia amarrado à cintura, e seguiu pela picada até seu rancho.

A dor no pé aumentava, e de repente, o homem sentiu dois ou três fulgurantes pontadas que como relâmpagos haviam-se irradiado da ferida, até a metade da panturrilha. Movia a perna com dificuldade; uma sede metálica na garganta, seguida de uma sede ardente, arrancou-lhe outro palavrão.

Chegou finalmente ao rancho, e abraçou a roda do moinho. O dois pontinhos violeta desapareciam agora na monstruosa inchação do pé inteiro. Parecia-lhe enfraquecida, e a ponto de ceder, de tão tensa. O homem quis chamar sua mulher, mas sua voz se quebrou num grunhido rouco de garganta resseca-

da. A sede o devorava.

— Dorotea! — conseguiu lançar um grito. — Me dá cachaça!

Sua mulher correu com um copo cheio, que o homem sorveu de três tragos. Porém não havia sentido gosto algum.

— Te pedi cachaça, não água! — rugiu de novo. — Quero cachaça!

— Mas é cachaça, Paulino! — protestou a mulher, espantada.

— Não, me deste água! Quero cachaça, te digo!

A mulher correu outra vez, voltando com o garrafão. O homem bebeu um atrás do outro três copos, porém não sentiu nada na garganta.

— Bom, isto está feio... - murmurou então, olhando seu pé lívido e já com um brilho gangrenoso. Sobre a intensa atadura do lenço, a carne transbordava como uma pavorosa morcela.

As dores fulgurantes sucediam-se em relâmpagos contínuos, e chegavam agora à virilha. Além disso, a atroz sequidão da garganta que o esforço parecia esquentar mais, aumentava. Quando pretendia encorpar-se, um fulminante vômito manteve-o meio minuto com a testa apoiada na roda de madeira.

Mas o homem não queria morrer, e descendo à costa, subiu em sua canoa. Sentou-se na popa e co-

meçou a remar até o centro do Paraná. Ali, a correnteza do rio, que nas imediações do Iguaçu corre por seis milhas, o levaria antes de cinco horas a Tacurú-Pucú.

O homem, com fatigada energia, pode efetivamente chegar até o meio do rio; no entanto, ali suas mãos dormentes deixaram cair o remo na canoa, e por causa de um novo vômito — de sangue esta vez —, dirigiu um olhar ao sol que transpunha a montanha.

A perna inteira, até metade da coxa, era já um pedaço disforme e duríssimo que rompia a roupa. O homem cortou a ligadura e abriu a calça com a faca: a parte inferior desbordou inchada, com grandes manchas lívidas e terrivelmente dolorosas. O homem pensou que não poderia jamais chegar sozinho a Tacurú-Pucú, e decidiu pedir ajuda a seu compadre Alves, embora fizesse muito tempo estivessem intrigados um com o outro.

A correnteza do rio precipitava-se agora para a costa brasileira, e o homem pode facilmente arrastar. Arrastou-se pela picada costa acima, porém a vinte metros, exausto, ficou estendido de costas.

— Alves! — gritou com a força que pode; e prestou atenção em vão.

— Compadre Alves! Não me negue este favor! — clamou de

novo, levantando a cabeça do solo.

No silêncio da selva, não se ouviu um só rumor. O homem teve ainda forças para chegar até sua canoa, e a correnteza, apoderando-se dela de novo, levou-a à deriva.

O Paraná corre ali no fundo de uma imensa depressão, cujas paredes, com altura para lá de cem metros, estreitam funebremente o rio. Desde as margens cercadas de negros blocos de basalto eleva-se o bosque, negro também. Adiante, às costas, sempre a eterna muralha lúgubre, em cujo fundo o rio afunilado se precipita em incessantes erupções de água lodosa. A paisagem é agressiva, contudo, sua beleza sombria e calma cobra uma majestade única.

O sol havia já havia caído, quando o homem, estendido no fundo da canoa, teve um violento calafrio. E, de repente, com assombro, pôs na vertical pesadamente a cabeça: sentia-se melhor. Somente a perna lhe doía, a sede apagava-se, e seu peito, livre já, abria-se em lenta inspiração.

O veneno começar a ir-se, não havia dúvida. Achava-se quase bem, e embora não tivesse forças para mover a mão, contava com a vinda do orvalho para repor-se todo. Calculou que antes de três horas estaria em Tacurú-Pucú.

O bem-estar progredia e, com

ele, uma letargia cheia de recordações. Não sentia mais nada na perna nem no ventre. Viveria ainda seu compadre Gaona em Tacurú-Pucú? Por acaso veria também seu ex-patrão, mister Dougald, e o encarregado de obras?

Chegaria repentinamente? O céu, a poente, abria-se agora num resplendor de sangue, e o rio se havia avermelhado também. Da costa paraguaia, já em trevas, a montanha deixava cair sobre o rio sua frescura crepuscular, em penetrantes eflúvios de flores de laranjeiras e mel silvestre. Um casal de araras cruzou o céu muito alto e em silêncio até o Paraguai.

Lá embaixo, sobre o rio de ouro, a canoa derivava velozmente, girando de tempos em tempos sobre si mesma, ante a erupção de um remoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor, e pensava no tempo justo em que havia passado sem ver seu ex-patrão Dougald. Três anos? Talvez, não tanto. Dois anos e nove meses? Talvez. Oito meses e meio? Isso sim, certamente.

De repente, sentiu que estava gelado até o peito. Que seria? E a respiração...

Ao madeireiro de mister Dougald, Lorenzo Cubilla, havia conhecido em Puerto. Esperança em Sexta-feira Santa...Sexta-feira? Sim, ou quinta-feira...

O homem estendeu lentamente os dedos da mão.

— Uma quinta-feira...

E parou de respirar.

O conto "À Deriva" foi extraído do livro "Cuentos de Amor, de Locura y de Muerte", publicado em 1917. A tradução livre é de Jádson Barros Neves.

## TRADUÇÃO À Deriva

*Um conto do poeta, romancista, diplomata e dramaturgo uruguaio Horácio Quiroga, traduzido para o Jornal Opção pelo escritor Jádson Barros Neves*



## LEITURAS

Ronaldo Cagiano é escritor.

## Shifman: luz nova na poesia argentina

Menos conhecida entre nós do que a ficção, a poesia argentina contemporânea tem revelado nomes de inegável densidade e valor. No contato com o país vizinho e hermano, tenho desfrutado o intercâmbio com poetas da nova e da velha geração, em cujas obras é possível aquilatar um imenso patrimônio literário, que precisa ser descoberto pelo mercado editorial e pelo leitor brasileiros.

País que nos deu Borges e Cortazar, Girondo e Mujica Laines, Bioy Casares e Manuel Puig, Alfonsina Storni e Silvina Ocampo, Di Benedetto e Roberto Arlt, Juan Jose Saer e Ricardo Piglia, Ernesto Sábato e Luis Gusmán, Juan Gelman e Alberto Manguel, Rodolfo Alonso e Eduardo Dalter, continua a produzir uma safra de bons escritores de prosa e de poesia, o que nos indica a necessidade de uma aproximação maior entre nossas realidades literárias.

Se a língua sempre foi o obstáculo para uma interação maior com nossos vizinhos e colegas de

ofício, eis o momento para que nos despertemos para o imenso potencial criativo literatura porteña. Não podemos pensar em relação apenas à permeabilidade diplomática, comercial e econômica do continente, se há muito mais que negócios e interesses a caminhar. Há um oceano artístico a explorar, no qual devemos mergulhar com um interesse maior em usufruir de uma produção artística invejável.

No atual cenário da literatura argentina, a poesia tem oferecido agradáveis surpresas. Um nome — Mariano Shifman — destaca-se como uma das mais candentes de sua geração. Autor de “Punto Rojo” (2005), que obteve o 1º lugar no XI Certame Nacional de Poesia e Narrativa, e é também advogado e tradutor, participando de oficinas e debates literários, atividades com as quais faz uma ponte estética com a produção poética de todo o continente permeando experiências poético-ficcionais e difundindo outras vozes.

Em seu mais recente livro,

“Material de interiores” (2010), Shifman não apenas registra um olhar incisivo, crítico e reflexivo sobre o mundo e a realidade que o cercam, como estabelece um intenso diálogo com diversos autores e com a própria arte. Sua palavra poética reverbera as preocupações existenciais sem, contudo, desviar-se para uma apologia sentimental ou piegas do ser. É a poesia como instância para se discutir questões que atormentam o homem e estão cada dia mais em evidência na agenda contemporânea.

Em todo o seu percurso poético registra-se um esboço de nossas angústias, uma visita às demandas íntimas, um mergulho, como de escafandrista, nas profundezas dos dilemas individuais e coletivos. Trata-se de um exercício que busca, de um lado, a expressão de uma inquietação vital, resultante de uma eferescência questionadora da vida e dos antagonismos mundo; de outro, a expansão de um olhar transcendente, que tenta resgatar o que ainda há de essencial e humano em todas as coisas, apesar do passivo

psicológico e dos embates que atormentam a civilização nessa pós-modernidade.

A poética shifmaniana não reduz o império da dúvida. Com uma carga semântica visceral e uma sintaxe de provocações, realiza o permanente esforço de Sísifo: o verbo não se acovarda diante das dificuldades para se compreender nossa finitude e nossas fraquezas, segue os aclives carregando suas pedras, ainda que tenha que repetir o trajeto para buscar o verdadeiro sentido para tudo.

Poesia sintonizada com os desafios e contradições da atualidade, percebe-se tanto em “Material de Interiores” quanto em “Punto rojo” uma agudíssima e dialética (re)leitura da nossa própria e desértica condição. A escritura do desassossego pontua toda a sua obra num sentido mais conceitual que político, por isso não há desvios para o panfletarismo ou o engajamento. É uma poesia de cosmovisão, cuja atmosfera, arquitetura e ambiência emergem da introspecção do autor. Além disso, há na artesanía literária de

Mariano a influência de leituras clássicas e contemporâneas, perceptíveis na linguagem culta e burilada, na sobriedade da forma e na força do conteúdo, na elegância e refinamento do estilo, como também na versatilidade e na variedade de temas que passam toda sua obra, fruto de seu trânsito por diversas gerações e vertentes poéticas.

Poeta que não cedeu aos modismos da mídia hegemônica e monopolista dos grandes centros, fenômeno tão comum em nossa sociedade seduzida e aviltada pelo mercado, nem sucumbiu à sedução cada vez mais avassaladora e contaminante do sistema editorial, Shifman edifica uma obra silenciosa, porém consistente, segura e amadurecida. Com isso, preocupado apenas em comunicar sua arte sem afetações ou modismos, oferece ao leitor um trabalho de carpintaria, com uma peculiar elaboração que, sem dúvida o situa, sem muito esforço, entre os melhores nomes da poesia da Argentina e da América Latina.



## CINEFILOS

Rejane Borges é jornalista.

## “Beleza Americana” e “Crash”: a histeria de romper com o mundo

Há regras na vida: ou você as segue, ou será devorado — esta é a máxima de dois excelentes filmes que retratam este estilo de vida mais conhecido e propagado como american way of life. Refiro-me à “Beleza Americana” (American Beauty, EUA, 1999) e “Crash — No Limite” (Crash, EUA, 2004). Tenho comigo que se pudéssemos fazer o mundo parar de girar por um instante, perceberíamos tudo o que está fora do eixo, de rota, de rumo. Mas é impossível, na velocidade em que estamos.

Hoje somos impessoais demais, e tornamo-nos seres programados — e, o que é triste, programados uns pelos outros. Temos regras, condições e metas a serem cumpridas. Temos prazo e estatísticas. Não temos tempo.

Somos aquelas personagens triviais — com vidas e empregos triviais — com problemas clichês. Nosso dia-a-dia é, geralmente, o ordinário que beira a monotonia, para não dizer o patético. Personagens em um cotidiano torturante não por ser agitado, mas por abusarmos do nosso lado mais sádico, miserável e hipócrita. No trabalho, no lar e na rua. Olhe bem

de perto: assim somos todos nós. E nossas vidas.

Os modos mais adequados de ser e estar estão aí — as regras de conduta — todas prontas a devorar-nos todos os dias. O sistema a observar-nos. Os vizinhos, os amigos, a família. Mas, disciplinados, encontramos as respostas das charadas e colocamos nossas máscaras para manter a aparência de sucesso a todo custo. Um estilo de vida herdado, cobiçado e seguido.

“Beleza Americana” (American Beauty, EUA, 1999) e “Crash — No Limite” (Crash, EUA, 2004), dos diretores Sam Mendes e Paul Haggis, respectivamente, tratam do assunto com muito sarcasmo e realismo. Levaram ambos o Oscar para casa. Mendes por “Melhor Diretor” e Haggis por “Melhor Roteiro Original”, já que também foi roteirista do longa.

O termo american way baseia-

se na procura da felicidade. Mas não da maneira romântica e corajosa que vemos nos clássicos. A procura da felicidade, aqui, é um caminho trilhado que sacrifica a própria sanidade, seguindo freneticamente palavras de ordem como “prosperidade” e “sucesso”, difundido há muitos anos em terras americanas. Estilo de vida herdado por praticamente todo o ocidente, e que mais parece um tratado invisível e universal que adverte: não fracasse.

Ambas as tramas expõem o avesso de uma sociedade influenciada por tal regra, expondo todas as fendas e retalhos. Expondo todas as falhas e pecados de um comportamento artificial, mas aceito e considerado livre e íntegro. Por isso tornamo-nos neuróticos, compulsivos, obsessivos. E obviamente a frustração seria o resultado de tamanha exigência, do seu embate com a natureza humana, pois é uma exi-

gência que não aceita o erro, a dúvida, as vias escorregadias, que são dessa natureza.

Os roteiros de Sam Mendes e Paul Haggis mostram personagens que deixam escapar a sujeira por debaixo do tapete, os esqueletos dos armários. Pessoas inseridas numa realidade tão histerica e remendada como suas próprias sanidades, muito bem disfarçadas com gramas verdes, tortas de maçã e carteirinhas de clubes.

Os filmes retratam uma cultura que, a cada dia, conecta uns aos outros por meio das mais variadas formas de frustração, em uma cadeia infinita de consequências pessoais e sociais, gerando um efeito dominó. “Crash” salienta o individualismo — fator que leva a outras vertentes deficientes da sociedade como preconceito e violência, instaurando a cultura do medo. Já “Beleza America-

na” salienta a crueldade com a qual o sistema pune quem não se adapta aos seus mecanismos — os dispensáveis, aqueles que se tornam indivíduos que saltam à margem dessa sociedade por romperem com as fórmulas prontas, com as ideias manipuladas. E esses indivíduos têm surtos histéricos porque sabem que serão punidos. Por mim, por você, por eles.

No final das contas, vivemos em um mundo no qual somos extensões da dor e da frustração do outro. Talvez tenhamos que aprender a disfarçar toda nossa indignação com o otimismo estampado no rosto em forma de sorrisos seguros. Ou de risadas altas. Aquelas que abafam o som angustiado dos gritos que saltam ao nosso peito.

Vemos uma rua, como qualquer outra. Vemos um homem, como qualquer outro. Vemos uma família, como qualquer outra. Acharmos que conhecemos as pessoas. Acharmos que sabemos quem somos. A verdade é que não fazemos a mínima ideia. E seguimos obcecados com tudo, inclusive, com a velocidade a que o mundo gira. É a beleza da vida.



MasterFile

## MINICONTOS | ANA MELLO

**O monstro embaixo da cama**

Duvidei dos seus poderes e da sua existência, estendi a mão trêmula e sentenciei:

— Se existe mesmo, pegará minha mão.

Senti o calor e o toque mais quente que alguém com seis anos é capaz de imaginar.

**No ônibus**

Ela furtiva lia meu Quintana.

Sentia seu coração batendo forte no meu braço, só não sabia se era por ele ou por mim.

**Cartomante**

Ela queria saber do marido, se ele ainda a amava se existia outra. Não menti, confirmei tudo e ela saiu decidida a mandá-lo embora de casa. Não precisei das cartas para dizer. João está comigo há dois anos.

**Interrogatório**

— Doutor, como eu posso ser acusado de tirar a vida dela se a vida a ela não pertencia? Era só minha, há muitos anos.

**Vingança**

A gata brincava com o rato morto. Jogava-o para cima, tocava com a pata, dava pequenas mordidas, como se debochasse da situação da sua vítima.

Na cadeira, recostada com uma taça de vinho nas mãos, ela pensava:

— Exatamente o que eu quero fazer com aquele canalha.

**Débil estratégia**

Ela recebia flores e cartões toda semana.

O marido matou-a, mesmo sabendo que era ela que fazia as encomendas na floricultura.

Preferiu matá-la a saber que alguém a achava importante, mesmo que fosse ela mesma.

**Na rede**

Rolou o maior romance e foram pra cama no primeiro encontro.

Ele em SP, ela em Paris.

**Conversa com advogado**

Mas a senhora há de concordar que vinte facadas foi um exagero.

— Não chega nem na metade dos bifés que eu cortei para ele.

**Anseio**

Todos cantando o tradicional “parabéns”, na mesa, tortas, doces e salgados. Ele preparava-se para soprar as velinhas e fazer o pedido, o mesmo que fazia todos os anos, mas não era atendido:

— Desejo que todos desapareçam.

**Audácia**

Ele disse:

— Só por cima do meu cadáver.

Tentei não pisar na cara, para não estragar meu sapato novo.

**Ana Mello** é escritora.

## AGENDA CULTURAL



Fabrícia Mesquita

**Thiago Pethit em Goiânia**

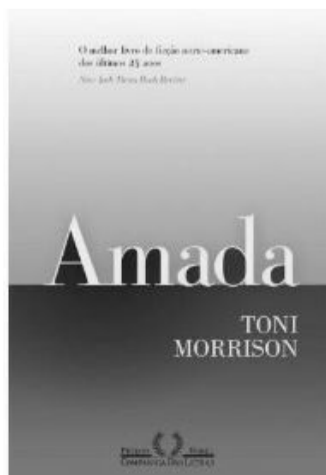
No sábado, 16, às 20h, o Teatro Goiânia Ouro recebe o músico Thiago Pethit, que se apresentará em Goiânia pela primeira vez. O músico foi citado recentemente pelo jornal britânico “The Guardian” como um dos mais promissores músicos do mundo. Depois de ter lançado o EP “Em Outro Lugar” (2008) e o single “Fuga nº 1” (2009), Pethit surpreendeu o público com seu primeiro CD “Berlim, Texas”, lançado em março de 2010, e considerado pela crítica especializada como um dos mais marcantes da nova cena da música brasileira. “As músicas de Thiago Pethit podem ser definidas por duas palavrinhas: belas e doces. Seja pela sonoridade simples, cheia de imperfeições e naturalidade ou pela mistura de ritmo como as chansons francesas e o tango argentino.” Os ingressos custam 15 reais.

**Mostra Werner Herzog no Cinema**

Fica em cartaz até 31 de julho, no Cine Goiânia Ouro, a mostra Werner Herzog no Cinema. A mostra é uma retrospectiva da carreira do cineasta alemão, um dos pais do Neuer Deutscher Film, nome dado à produção cinematográfica alemã a partir da década de 1960. Werner Herzog, ao lado de Rainer Werner Fassbinder, Margarethe von Trotta, Volker Schlöndorff e Wim Wenders foram os responsáveis pela quebra de paradigmas na cinematografia germânica, com roteiros de forte viés psicológico, fotografia crua e diálogos contundentes. Apesar de ser um dos principais integrantes do movimento do novo cinema alemão, seus roteiros transpassam fórmulas preestabelecidas, sempre enfocando anti-heróis com objetivos inatingíveis, ou pessoas de grande talento que são obscurecidas e ignoradas. Na mostra, Werner Herzog no Cinema, o mesmo filme fica em cartaz por dois dias e pode ser visto em três sessões com horários diferentes. Às 12h30, às 15h e às 20h. O ingresso tem valor simbólico de 1 real.

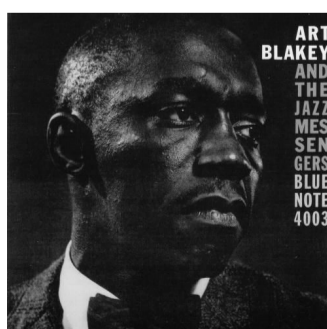
## LANÇAMENTOS

## LIVROS



Eleito pelo “New York Times” o livro de ficção mais importante dos últimos 25 anos nos Estados Unidos, “Amada” é o mais conhecido romance de Toni Morrison. Baseado numa história real, “Amada” é ambientado em 1873, época em que os Estados Unidos começavam a lidar com as feridas da escravidão recém-abolida. Com estilo sinuoso, Toni Morrison constrói uma narrativa complexa, que entrelaça com mestria, brutalidade e lirismo. Esta nova edição de “Amada” faz parte da coleção Prêmio Nobel, recém-lançada pela Companhia das Letras.

## MÚSICA



Art Blakey, também conhecido pelo nome muçulmano Abdullah Ibn Buhaina, foi um dos maiores bateristas de todos os tempos. A frente dos Jazz Messengers de 1954 até sua morte, teve uma das mais brilhantes trajetórias da história do jazz. O CD é a gravação de um show realizado em 1960 na Suíça, e traz oito temas clássicos do jazz como “Now’s the Time”, de Charlie Parker. O CD integra uma série de jazz criada pelo produtor suíço Jazzques Muyal.

## FILMES



Logo após o fim da Guerra Civil (1861-1865), dois antigos combatentes vagam pelo Texas em busca de dinheiro, comida e trabalho. Porém, apenas encontram problemas. Primeiro convertem-se em pugilistas, profissionais de boxe, logo presenciam um assalto a uma diligência, e conseguem arrebatá-la. Depois estão a frente de um grupo de homens que querem enforcá-los. Um faoeste romântico que mostra como pano de fundo a disputa de dois homens pelo amor de uma mulher.

AMADA		
Autores	Toni Morrison	
Preço	R\$ 59,00	Companhia das Letras

ART BLAKEY'S JAZZ MESSENGERS		
Direção	Art Blakey	
Preço	R\$ 34,90	Biscoito Fino

TEXAS (1941)		
Direção	George Marshall	
Preço	R\$ 39,90	Vintage Films